

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA – UFJF

LÍGIA TOLEDO DE FARIA

**TRANÇANDO CABELOS E VIDAS: TRABALHANDO GÊNERO,
HISTÓRIA DA ÁFRICA E AFRODESCENDÊNCIA EM
PRESÍDIOS FEMININOS**

JUIZ DE FORA

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

FARIA, Lígia Toledo de.

Trançando Cabelos e Vidas : Trabalhando Gênero, História da África e Afrodescendência em presídios femininos / Lígia Toledo de FARIA. – 2017.

36 p.

Orientador: Luiz Henrique PASSADOR

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. Acauteladas. 2. Empoderamento feminino. 3. ancestralidade africana. 4. auto estima afrobrasileira. I. PASSADOR, Luiz Henrique , orient. II. Título.

Lígia Toledo de Faria

**TRANÇANDO CABELOS E VIDAS: TRABALHANDO GÊNERO,
HISTÓRIA DA ÁFRICA E AFRODESCENDÊNCIA EM
PRESÍDIOS FEMININOS**

Trabalho de conclusão de curso de
Especialização em História da África
da Universidade Federal de Juiz de
Fora - UFJF, realizado sob a
orientação do Prof. Dr. Luiz
Henrique Passador.

JUIZ DE FORA

2017

Lígia Toledo de Faria

**TRANÇANDO CABELOS E VIDAS: TRABALHANDO GÊNERO,
HISTÓRIA DA ÁFRICA E AFRODESCENDÊNCIA EM
PRESÍDIOS FEMININOS**

Trabalho de conclusão de curso de Especialização em História da África da
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Nome do professor - instituição

Nome do professor - instituição

Prof. Dr. Luiz Henrique Passador-UNIFESP (orientador)

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus filhos, Alícia e Bruno, luz da minha vida, por quem busco ser melhor a cada dia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me manter firme no propósito de frequentar o curso, a despeito de todas as dificuldades.

A meus filhos, Alícia e Bruno, e familiares, por compreenderem que minhas ausências constantes durante o período do curso foram de extrema importância, tanto em minha vida acadêmica como nas vivências pessoais.

Especialmente aos colegas, professores e coordenadores do curso, por terem feito dessa convivência uma oportunidade ímpar em minha vida, onde o compartilhamento de experiências e conhecimento superou minhas expectativas.

RESUMO

A partir da experiência profissional em uma unidade prisional de Juiz de Fora, o objetivo deste trabalho é implantar junto às acauteladas um projeto de empoderamento feminino e resgate da ancestralidade africana e da autoestima afrodescendente, através da participação dessas mulheres em oficinas de trançamento de cabelos, ligado à vaidade feminina. Junto a essas oficinas, serão discutidas questões da História Africana e Afrobrasileira, por meio do utilização de livros de literatura infantil sobre a temática do cabelo e de outros textos didáticos sobre o tema e sobre a História da África. Por se tratar de um ambiente para onde não são disponibilizadas verbas para esse tipo de atividade, serão captadas parcerias junto à sociedade civil para o desenvolvimento do projeto. Serão foco de maior atenção as datas comemorativas durante o ano que sejam direcionadas ao público feminino, embora o objetivo seja que o projeto seja realizado mensalmente.

Palavras-chave: Acauteladas, empoderamento feminino, ancestralidade africana e autoestima afrobrasileira.

ABSTRACT

Based on professional experience in a prison unit in Juiz de Fora, the objective of this work is to implant a feminist empowerment project and rescue of African ancestry and Afrodescendant self-esteem through the participation of these women in hair braiding workshops, Connected to female vanity. In addition to these workshops, issues of African and Afro-Brazilian History will be discussed through the use of children's literature on the subject of hair and other textbooks on the subject and on the History of Africa. Because it is an environment where funds are not available for this type of activity, partnerships will be reached with civil society for the development of the project. Special attention will be given to the commemorative dates during the year that are directed to the female audience, although the objective is that the project be performed monthly.

Keywords: Acauteladas, female empowerment, African ancestry and Afro-Brazilian self-esteem.

SUMÁRIO

1 - APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO	8
2 - O MATERIAL DIDÁTICO	18
3 – CONCLUSÃO	21
4 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22
5 – PORTFÓLIO	23

1- APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Encerrando a pós-graduação em História da África, eu me vi em uma encruzilhada: apesar de ser Pedagoga de formação, meu trabalho é completamente diferente, pois sou agente de segurança penitenciário e não tenho experiência em sala de aula. A proposta do trabalho de conclusão de curso foi a elaboração de um material didático que versasse sobre o tema do curso que estamos concluindo, o que foi uma ideia excepcional que a coordenação do curso teve. Sabemos da extrema carência de materiais didáticos sobre a História da África e, mais ainda, de bons materiais didáticos sobre o tema.

Porém, não possuo subsídios suficientes para elaborar um material didático que atenda a essas prerrogativas, visto que a falta de experiência direta em sala de aula interferiria claramente na qualidade desse material. No exercício da profissão é que conseguimos identificar as falhas, lacunas e necessidades. Portanto, embora quisesse muito contribuir com a coordenação do curso elaborando algo que pudesse futuramente fazer a diferença em sala de aula para outros profissionais, não me sinto competente o suficiente para isso.

Agradeço à professora Dayana, que me orientou na construção do portfólio, e ao meu orientador neste trabalho, professor Luiz Henrique, que também abraçou o viés diferente de orientar meu trabalho priorizando o ambiente prisional feminino, minha área de atuação, que não deixa de ter um aspecto pedagógico, mas que prima muito mais por aspectos relacionados à segurança e manutenção da ordem e disciplina durante o acautelamento dessas mulheres.

Trabalhar com as acauteladas do sistema prisional em Juiz de Fora é uma função que muito me orgulha e que me desafia diariamente. Trata-se de mulheres que transgrediram as regras sociais e cometeram crimes contra pessoas e contra a sociedade, mas que, ainda assim, são mulheres, filhas, mães, irmãs, esposas, namoradas. Enfim, o universo feminino, em toda a sua

complexidade, está representado ali, naquele lugar de muitas restrições, de muito sofrimento, de convivência restrita ao ambiente por detrás das grades, de misturas de emoções e sentimentos, mais que em outros ambientes. Relembrando Michel Foucault, que bem compreendeu e fala acerca da observação dos detentos,

A prisão, local de execução da pena, é ao mesmo tempo local de observação dos indivíduos punidos. Em dois sentidos. Vigilância, é claro. Mas também conhecimento de cada detento, de seu comportamento, de suas disposições profundas, de sua progressiva melhora; (FOUCAULT, 1987 P.208).

Estar com seu direito de ir e vir cerceado, mesmo que justificadamente, mostra-se um cotidiano nada fácil. Há que se adaptar à convivência com outras mulheres com quem não se tem nenhum tipo de vínculo, até por conta da superlotação que assola o ambiente prisional brasileiro. O município de Juiz de Fora possui uma média de cento e cinquenta mulheres presas, alocadas em um espaço que foi construído para abrigar trinta e quatro pessoas. Somente analisando por esse aspecto, já se pode vislumbrar vários problemas, pois é uma condição subumana, ou desumana. Por conta de o quantitativo de mulheres presas ser muito maior do que a quantidade de vagas, as condições de aprisionamento ficam extremamente prejudicadas. Todas as celas abrigam no mínimo quatro vezes mais presas do que deveriam e até os espaços antes destinados a atividades escolares necessitam ser utilizados também como celas.

As regras são bastante rígidas em relação a pertences que as presas podem ter consigo. Boa parte dos materiais que elas recebem são providos pelos familiares das mesmas. Mas uma observação deve ser feita: mais da metade dessas mulheres presas não recebe assistência familiar, ou seja, ficam durante o tempo da prisão desprovidas de boa parte desses materiais e não recebem visitas, o que traz grande prejuízo emocional e perda de vínculos. O universo feminino é bastante complexo, e com o passar dos dias na detenção, as carências aparecem, em forma de choro, de pedidos de contato com a família, de solicitação ao setor de saúde de medicamentos psicotrópicos, atendimentos psicológicos e com profissionais do Serviço Social. A estrutura de atendimento desse setor conta com razoável

efetividade. O número de profissionais, apesar de inferior ao que seria indicado e adequado e a despeito das enormes dificuldades inerentes a órgãos públicos, consegue ainda prestar serviços de qualidade, ainda que com frequência inferior à ideal.

A partir da vivência no ambiente prisional feminino, percebe-se que o aspecto ligado à raça/cor não influenciado tanto no envolvimento com o crime e na prisão dessas mulheres. Há pessoas de vários fenótipos e a quantidade de mulheres negras presas não é tão superior à de mulheres brancas. Outro aspecto a ser observado é que nunca chegou a meus ouvidos nenhuma queixa específica relativa a preconceito por cor ou racismo. O olhar sobre isso deve ser mais atento, porque pode ser que não ocorra esse tipo de situação, mas o mais provável é que as pessoas não identifiquem o comportamento preconceituoso. Sabemos que muitas vezes essas atitudes acontecem veladamente, mascarando o preconceito e o racismo.

As oportunidades de interação produtiva e produção de conhecimento são mínimas. A atividade diária de lazer garantida a essas mulheres é a saída para o banho de sol, pelo período de duas horas, que acontece em um pátio dentro do próprio pavilhão feminino. Como já foi dito, devido à superlotação, espaços destinados a salas de aula e atividades educacionais necessitam ser utilizados como celas para abrigar com um mínimo de dignidade a quantidade de mulheres presas. Portanto, há quase dois anos, desde a mudança para um pavilhão menor, as presas não têm acesso a atividades escolares. É uma enorme perda para elas, pois o ambiente em sala de aula permite que elas tenham vez e voz, o que no convívio diário do ambiente carcerário nem sempre é permitido. O foco principal é a segurança e a disciplina, e a própria rotina de trabalho que envolve os profissionais não favorece o atendimento individualizado.

O número de vagas de trabalho oferecidas é pequeno, sendo insuficiente para atender a todas as acauteladas, fazendo com que mais de dois terços delas fiquem boa parte do tempo dentro das celas, sem exercer atividades que auxiliam seu desenvolvimento naquele ambiente. A ociosidade é grande, e a ausência ou pequena oferta de atividades escolares,

profissionais e culturais é um problema de difícil solução. A falta de verbas e investimento é o principal motivo dessa defasagem, ampliado pela superlotação das prisões, sendo do conhecimento de todos a falência do sistema prisional brasileiro. Em nosso estado ainda há uma política de ressocialização, mesmo que tímida, pautada em oportunizações de trabalho e estudo e algumas atividades culturais, mas a oferta dessas vagas é infinitamente menor que a demanda.

O colapso do sistema prisional e a crescente criminalidade têm trazido consequências desastrosas a todos os atores desse complexo ambiente de convivência. Os profissionais que atuam nas unidades prisionais apresentam alto nível de estresse, devido à precariedade das condições de trabalho, à superlotação e ao número insuficiente de servidores, o que ocasiona sobrecarga de trabalho, frustrações relacionadas à sensação de impotência causada frente às demandas que não podem ser cumpridas, aliado ao cenário de trabalho perigoso, insalubre e instável. As políticas públicas de investimento no setor são insuficientes e, por grande parte das vezes, mal gerenciadas.

As mulheres que se encontram presas passam a viver seus dias, grande parte deles, confinadas em celas que abrigam quatro ou cinco vezes mais pessoas do que deveria. Apenas esse aspecto já seria um forte ingrediente para o surgimento de conflitos e problemas, já que a convivência e o relacionamento interpessoal nessas condições ficam claramente comprometidos. A essa situação é acrescida a falta de atividades educacionais, laborais e culturais, que sem sombra de dúvidas seriam elementos determinantes na melhora da condição geral das acauteladas e no apaziguamento da convivência. Estar literalmente confinado não tem como resultado aspectos positivos.

Em relação à gestão, a direção de segurança prima por manter a segurança, a ordem e a disciplina necessários ao ambiente prisional, além de oferecer o suporte para que possíveis atividades inerentes ao dia-a-dia dos presos sejam executadas sem comprometer esse objetivo principal. A direção de atendimento e ressocialização é responsável pelo atendimento

propriamente dito, viabilizando o acesso das acauteladas a atendimentos com profissionais de enfermagem, de psicologia, serviço social, pedagogia, analista jurídico, setor de trabalho e produção, além de médico e dentista. Muito do que é oferecido como atividade advém da atuação desse setor da unidade prisional. Muito embora as verbas sejam mínimas, esses profissionais conseguem articular algumas parcerias junto à sociedade para que sejam ofertadas algumas atividades a essas mulheres que se encontram presas.

Acontecem ao longo do ano algumas campanhas específicas, relacionadas a determinadas datas comemorativas, como no mês de março, o dia internacional da mulher; no mês de maio, as comemorações pelo dia das mães; no mês de outubro, campanha de prevenção ao câncer, denominada outubro rosa; e, fechando o ano, comemorações natalinas no mês de dezembro. Nessas épocas, é comum que sejam conseguidas parcerias para oferecer algum tipo de atividade para essas mulheres, como serviços de cabeleireiro e manicure (não permitidos no dia-a-dia da unidade, mesmo se tratando de público feminino), aulas de dança, palestras de prevenção a doenças ligadas ao universo feminino, rodas de conversas sobre violência contra a mulher e empoderamento feminino, distribuição de kits montados com doações de materiais de higiene, como shampoos, condicionadores, desodorantes, creme para cabelo, barbeadores, e até mesmo de algumas peças de roupas íntimas.

Embora aconteçam com menor frequência do que seria desejável, esses eventos promovem momentos de descontração que interferem diretamente no estado emocional dessas mulheres. Discutir questões relacionadas ao universo feminino, sejam questões práticas como as ligadas ao aspecto físico, sejam temas mais profundos, ligados ao comportamento e sentimentos, é de extrema importância. Elas se sentem valorizadas, a autoestima melhora e até a esperança em escrever um capítulo diferente em suas vidas pós-prisão aumenta. Os benefícios são muitos, o comportamento melhora, pois elas se sentem valorizadas em sua individualidade, e o sentimento de ser mulher, que às vezes fica meio adormecido, aflora com força total, e esse é um aspecto muito importante. A identidade feminina

necessita disso, ver seus sentimentos e medos serem discutidos, vivenciar e relatar experiências, socializar.

Um aspecto que é muito importante, e está diretamente ligado ao tema desse trabalho, é colocar em discussão as questões de gênero e identidade negra e afrodescendente. Por ser historicamente negligenciada na formação escolar no Brasil, a cultura africana e a História do continente são ilustres desconhecidas, o que é uma grande perda, pois quando conhecemos nossas origens, a nossa identidade tende a se tornar mais densa e plena, fazendo com que sejamos seres mais seguros e autônomos em nossas ações para uma atitude positiva diante da vida e no convívio social. Sem dúvida, trabalhar esses aspectos junto às mulheres acauteladas teria um impacto positivo no seu processo de ressocialização durante o período de encarceramento.

Será, portanto, um ganho se for possível acrescentar com qualidade a discussão acerca da história e cultura africana e afrobrasileira entre essas mulheres, pois perceber e analisar a herança cultural e a contribuição dos povos africanos é fundamental para se compreender a formação da sociedade brasileira e de si próprias como sujeitos da história e sujeitos de direitos. O conhecimento implica em reconhecimento e respeito à diversidade étnico-racial e de gênero que temos em nossa sociedade, e isso reflete na convivência, que deve ser pautada no respeito ao diferente, para que seja visto como apenas diferente, não como desigual e ameaçador. Muitos problemas em nossa sociedade advêm justamente de ideias de desigualdade e dominação legítimas de alguns segmentos sociais sobre outros (marcados por raça/cor e gênero), que remontam à nossa herança colonial, patriarcal e escravocrata, como deixam vislumbrar autores hoje clássicos, como Sérgio Buarque de Holanda (1997) e Gilberto Freyre (2006), e que resultaram em uma sociedade discriminatória, como já deixavam claro em meados do século XX autores como Florestan Fernandes (2013) e Oracy Nogueira (2007), e também hoje em dia autores como Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (1995), para citar apenas algumas das referências mais importantes nos estudos históricos e sociológicos brasileiros. A violência tem

raízes nessa desigualdade social, visto que as oportunidades de acesso aos serviços e às políticas públicas são historicamente discrepantes no Brasil.

No mais, o trabalho aqui proposto irá seguir a perspectiva da interseccionalidade de marcadores sociais da diferença, como gênero e raça, propostos por autoras como Kimberlé Crenshaw (2002) e Avtar Brah(2006). Reconhecer-se como mulher e negra, e atentar para as situações e vulnerabilidades sociais específicas resultantes da articulação desses marcadores, é uma forma de trabalhar a consciência de si no mundo e iniciar um processo de identificação e empoderamento que enfrentem essas condições. Como temos a articulação histórica entre raça e classe no Brasil, fato apontado por Fernandes (op. cit.), Nogueira (op. cit.) e Guimarães (op. cit.), será fundamental trabalhar a interseccionalidade entre gênero, raça e classe na experiência e identidade das mulheres que serão o público-alvo das intervenções propostas.

Conhecer melhor as interfaces da história do nosso país ao longo desses mais de quinhentos anos, marcada por relações de desigualdade étnico-racial, nos leva diretamente a buscar entender melhor a história da África, pois vários povos foram trazidos de lá e se tornaram em terras brasileiras a mola propulsora do crescimento e desenvolvimento colonial baseado na divisão racial do trabalho, através da escravização da mão-de-obra africana traficada para o país. A maneira como isso aconteceu não é algo de que devemos nos orgulhar, pois o regime de escravidão submeteu o povo africano a tratamento degradante e exploração por séculos no Brasil. Mas é preciso estudar esse processo para entender pontos importantes, e para valorizar toda a contribuição do povo africano para nós, brasileiros, em todos os aspectos.

O objetivo desse trabalho, portanto, é montar um projeto de intervenção que contemple os temas do empoderamento feminino e do aprofundamento do conhecimento acerca da História da África e das contribuições africanas para o contexto brasileiro, a fim de favorecer a percepção da identidade negra e afrodescendente entre mulheres negras em situação carcerária como fator de empoderamento e busca pelo seu

reconhecimento, valorização e respeito dentro da sociedade. A ideia é que esse projeto possa ocorrer durante o ano todo, e não somente em datas específicas relacionadas ao gênero feminino e à população afrodescendente, embora, devido a todas as dificuldades aqui já apresentadas, não seja de fácil execução fora dos dias determinados pelo calendário oficial, como o Dia Internacional da Mulher e o Dia da Consciência Negra. A sugestão da intervenção didática é de que ela idealmente ocorra uma vez por mês, contemplando atividades variadas e associadas a atividades culturais. Mas, inicialmente, seriam apropriadas as datas já definidas no calendário oficial para dar início à inserção dessas temáticas e atividades no contexto em questão.

Um momento que seria muito aproveitado e que, com certeza, contaria com a adesão de boa parte das acauteladas, seria uma oficina de tranças. Observa-se um grande interesse delas nas inúmeras possibilidades de se trançar os cabelos, e isso está diretamente ligado à vaidade feminina, que reside em grande parte no cabelo. O ato de trançar os cabelos de alguém torna-se um ato com muito mais importância do que parece. Nessa hora a ancestralidade pode ser experimentada concretamente e no próprio corpo, remetendo às amorosas avós que trançavam e contavam histórias para as netas e todas as mulheres que viviam em seu universo familiar, assim como ao hábito de mulheres africanas em várias regiões do continente ainda hoje. O toque calmo, firme, carinhoso, buscando a firmeza e beleza na trança, torna-se, sem dúvida, um complexo movimento terapêutico. A conversa que surge entre os personagens, os ensinamentos de quem faz a trança e o aprendizado de quem tem o cabelo trançado são momentos de crescimento como indivíduo. Parece um gesto simples, mas o universo feminino é carregado dessas significações. Assim, esse momento torna-se propício e possível a contação de histórias que transmitam conhecimentos sobre a História da África e Afrobrasileira, assim como abordem a temática de gênero. Essa estratégia independe do uso de equipamentos e materiais que inexistem no ambiente carcerário (datashow, lousa, etc), permitindo superar essa carência para o trabalho de ensino-aprendizagem sobre esses temas previstos na intervenção. Ao mesmo tempo, o que a princípio poderia ser

uma carência, torna-se um ganho, pois trabalhar com a metodologia de contação de história permite trazer para a experiência das presas um dos aspectos mais marcantes das culturas africanas, que é a oralidade e a história oral.

Algumas das presas detêm essa prática de trançar cabelos, e poderiam ser envolvidas no projeto com grande possibilidade de aceitação, além dos resultados que essa valorização teria para elas. Alguns grupos na cidade trabalham essas questões de empoderamento feminino através do cabelo, por meio de tranças e turbantes. Caso fosse possível a contribuição desses grupos para essa oficina de tranças, o ganho seria enorme. Analisando a situação, conhecer sobre tranças e turbantes, suas origens e importância, sem dúvidas, instrumentalizaria muitas delas no aprendizado do ofício e na melhora da autoestima, para dizer o óbvio.

Durante esse movimento de trançar os cabelos, seria interessante disponibilizar contos africanos curtos e livros infantis bem selecionados, cuja temática seja o cabelo, que tornar-se-ia pano de fundo para uma discussão mais acadêmica sobre o universo africano. Os contos e livros serão lidos, em forma de contação de história, enquanto a atividade de trançamento dos cabelos se desenrola. Aprender por meios lúdicos é sempre muito atrativo e eficaz, e esses materiais prendem a atenção do público-alvo da intervenção, especialmente se for bem direcionado e explorado.

Inicialmente, são propostos alguns títulos de autores infantis que escreveram histórias sobre a temática do cabelo, como *O cabelo de Lelê*, de Valéria Belém, com ilustrações de Adriana Mendonça (2012); *Chico Juba*, de Gustavo Gaivota, com ilustrações de Rubem Filho (2011); *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam Oliveira, ilustrado por Taisa Borges (2013); e *Os mil cabelos de Ritinha*, de Paloma Monteiro, ilustrado por Daniel Gnattali (2013).

Ao longo do desenvolvimento, poderão ser acrescentados outros títulos, que abordem de maneira coerente a temática em questão. Isso envolve a utilização de livros didáticos sobre História da África, que serão selecionados de acordo com a receptividade e grau de compreensão que as

acauteladas forem demonstrando ao longo do processo. Portanto, a metodologia consistirá em partir do trançamento de cabelos e do uso dos livros infantis para estimular a reflexão sobre a negritude e a afrodescendência entre aquelas mulheres, e dessa forma construir um espaço para que se comece a trabalhar a inclusão dos conteúdos sobre História da África e Afrobrasileira. A avaliação, portanto, deverá ser contínua durante o processo de aplicação do projeto, cabendo, certamente, reformulações tanto no que diz respeito aos materiais utilizados quanto à abordagem do assunto, buscando sempre o aproveitamento máximo das atividades e seguindo as demandas negociadas e construídas com as mulheres que delas participarem.

A direção de atendimento da unidade prisional, caso tenha êxito na busca de parcerias com profissionais de institutos de beleza e grupos da sociedade civil juizforana engajados na causa do empoderamento, em muito contribuirá para que esse projeto seja proveitoso e obtenha o máximo de adesão possível entre as acauteladas da unidade prisional, devido à credibilidade de que esses atores desfrutam.

2- O MATERIAL DIDÁTICO

O projeto de intervenção objeto desse trabalho será executado nas dependências do pavilhão feminino de uma penitenciária no município de Juiz de Fora. O acautelamento das mulheres presas é de responsabilidade do governo estadual, concluindo-se, a partir dessa informação, a pouca disponibilização de verbas para esse tipo de atividades nesse ambiente, cujo foco principal é o acautelamento e manutenção da segurança e disciplina. O local mais provável para aplicação do projeto será o pátio que é destinado à utilização para várias atividades, dentre elas o banho de sol.

Ao longo do ano algumas datas comemorativas ensejam a realização de atividades multidisciplinares e culturais direcionadas à mulheres presas, tais como o Dia Internacional da Mulher, no mês de março; o Dia das Mães, no mês de Maio; o Outubro Rosa, campanha de prevenção ao câncer de mama e de colo de útero; e as comemorações natalinas, no mês de dezembro. O intuito é aproveitar as iniciativas dos gestores da unidade nessas datas, mas o ideal é que se conseguisse executar etapas do projeto em todos os meses do ano.

Através das articulações da direção de Atendimento e Ressocialização com a sociedade civil, é necessário buscar parcerias no público externo, para viabilizar atividades relacionadas a cuidados pessoais, como manicure e cabeleireiro, mas principalmente profissionais especializados em tranças e penteados afro. Seria interessante também o contato com um grupo organizado que trabalha o empoderamento feminino através de oficinas de turbantes, evento bastante divulgado no município e cujo foco ultrapassa o uso do turbante propriamente dito. Trata-se muito mais de trazer à discussão a autoestima feminina e o fortalecimento da identidade negra e afrodescendente.

Efetivadas as parcerias entre esses atores e os profissionais do núcleo de atendimento e do núcleo educacional da unidade, serão planejadas as atividades a serem oferecidas. Partindo-se sempre das oficinas de tranças

e/ou turbantes, aliado à contação de histórias e leitura de textos didáticos a serem selecionados no desenvolver do projeto, a disseminação do conhecimento sobre a História do continente africano e a história dos afrodescendentes no Brasil ocorrerá de maneira lúdica e interessante, visto que o componente cultural é muito importante para despertar o interesse nas atividades.

As discussões já realizadas nas datas comemorativas citadas anteriormente serão acrescidas desses elementos, já que tudo isso se entrelaça na vivência dessas mulheres. Todos os aspectos relacionados à autoestima, cuidado com o cabelo, prevenção de doenças físicas e emocionais podem e devem ser abordadas incluindo a influência da herança africana e afrodescendente. Conhecer a História é conhecer a si mesmo.

Considerando que há uma diversidade enorme de níveis de escolarização e diferenças enormes em relação à qualidade desta, serão oferecidas contações de histórias de livros infantis e de contos mais curtos. À medida que se consolidarem os encontros do projeto e a assimilação do conhecimento, pode-se oferecer textos um pouco mais densos. O importante é que as acauteladas tenham vontade de participar do projeto, sentindo-se valorizadas e incluídas na proposta do mesmo. O ponto mais forte e importante do projeto é justamente a troca de conhecimento e vivências que certamente ocorrerá na execução do projeto.

A princípio, serão utilizados os livros de literatura infantil *Cabelo de Lelé*, de Valéria Belém; *Chico Juba*, de Gustavo Gaivota; *Os mil cabelos de Ritinha*, de Paloma Monteiro; e *O mundo no black power* de Tayó, de Kiusam de Oliveira. Os livros didáticos para subsidiar o conhecimento sobre o continente africano serão analisados e escolhidos após os primeiros encontros, para que a escolha seja adequada ao nível de conhecimento sobre o tema que o grupo de mulheres demonstrar possuir. Isso é muito importante para que a participação delas seja efetiva, atuando como elementos indispensáveis ao projeto.

Avaliando os resultados a cada encontro, que planeja-se que ocorra mensalmente, outros materiais e parcerias podem ser acrescentados, caso

haja resposta positiva e interesse na adesão. O importante é que sempre ocorra em clima de compartilhamento de experiências e conhecimento, o que certamente resultará em melhora do comportamento das mulheres no ambiente carcerário e possível reformulação dos objetivos de vida pós-prisão.

3- CONCLUSÃO

A ideia do projeto é principalmente contribuir para o empoderamento feminino, a partir das oficinas de tranças no cabelo e das discussões sobre a História da África e dos afrodescendentes de maneira lúdica, partindo da contação de histórias de livros infantis cuja temática seja o cabelo afro e de outros textos relacionados. Projetos como esse dão voz e vez a essas mulheres, que têm suas vozes silenciadas frequentemente no dia-a-dia do ambiente prisional.

A autoestima é um dos principais aspectos de empoderamento, especialmente para o público feminino. A oficina de tranças é um momento que pode trazer de volta a ancestralidade africana, remetendo às amorosas avós com suas mãos carinhosas e receptivas e dedos ágeis no trançar dos cabelos. E nesse movimento são trançadas as histórias que surgem naturalmente nas conversas, inerentes a essa convivência afetuosa do cuidado com o outro.

A carência existente no ambiente prisional, devido à ausência dos vínculos familiares diretos e do contato com o convívio em sociedade, pode ser suprida em uma dimensão considerável aplicando-se projetos como esse. O ser humano é um ser social, e essa característica se mostra ainda mais perceptível no público feminino. Esse projeto de intervenção é, sem dúvida, uma grande oportunidade para essas mulheres poderem se olhar como pessoas completas e dignas, somente momentaneamente afastadas do convívio social. O resultado poderá ser percebido quando elas obtiverem de volta a liberdade, mais conscientes dos próprios direitos e limites em relação ao outro.

4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELEM, Valéria. Cabelo de Lelê. São Paulo: IBEP nacional, 2012, 2 ed.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. Cadernos. Pagu [online]. 2006,n.26,p.329-376.Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000100014&lng=en&nrm=iso . Acessado em 14 Janeiro 2017.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista Estudos Feministas [online]. 2002, vol.10, n.1, p.171-188. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100011&lng=en&nrm=iso . Acessado em 14 Janeiro 2017.
- FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2013.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Global, 2006.
- GAIVOTA, Gustavo. Chico Juba. Belo Horizonte: Mazza, 2011.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Racismo e anti-racismo no Brasil. Novos Estudos, 1995, n.43, p. 26-44. Disponível em: http://novosestudios.org.br/v1/files/uploads/contents/77/20080626_racismo_e_anti_racismo.pdf . Acessado em 14 Janeiro 2017.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras,1997.
- NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referencia para interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. Tempo Social – Revista de Sociologia da USP, 2007, v.12, n.1, p.287-308. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/download/12545/14322> . Acessado em 14 Janeiro 2017.
- MONTEIRO, Paloma. Os mil cabelos de Ritinha. Rio de Janeiro: Semente editorial, 2013.
- OLIVEIRA, Kiusam. O mundo no black power de Tayó. São Paulo: Peirópolis, 2013.

5- PORTFÓLIO

Reescrita da carta de intenções

A história da África, continente que provavelmente é o berço da humanidade, ainda é muito desconhecida, para grande parte das pessoas. Inclusive, o desconhecimento do fato de se tratar de um continente com grande diversidade interna, e não de um país homogêneo, é notório e corriqueiro em nosso dia-a-dia. Boa parte das pessoas não tem ciência, por exemplo, de que o Egito é um país africano.

Embora a história tradicional tenha tentado apagar a importância desse continente para o mundo, e também para o Brasil, confesso que sempre tive fascínio por elementos das terras africanas. Quando estudei sobre o Egito, na quinta série do ensino fundamental, fiquei simplesmente apaixonada por tudo que li a respeito. Os fundamentos de diversas ciências, entre elas a Medicina, o tratamento dado aos corpos dos mortos, ao embalsamá-los, as figuras dos deuses e a relação da população com o Rio Nilo, em território tão árido, foram determinantes para que me apaixonasse pela civilização egípcia.

Em diversos momentos, estudando, mesmo que superficialmente, outras terras africanas, vários aspectos sempre me chamaram a atenção, e, em especial, o fato de haver também na África países que foram colonizados por Portugal. De certa forma, o sofrimento aproxima as pessoas. Os processos de descolonização razoavelmente recente, guerras civis, apartheid, vários temas que deviam ser discutidos e eram considerados pouco relevantes.

Como já disse anteriormente, o continente africano exercia sobre mim grande fascínio, mas o material disponibilizado era sempre resumido, apresentado de maneira superficial e sem muitos atrativos. Portanto, embora admirasse muito, o conhecimento sobre África era bem pequeno. Apropriei-me do pouco que foi ensinado nas aulas durante o período escolar e, de resto, nada muito relevante ou valorizado.

Depois de já ter terminado a faculdade de Pedagogia, onde pouquíssimas referências à África foram feitas, vi, no quadro de avisos no corredor do meu trabalho, a saber, uma penitenciária de Juiz de Fora, um cartaz que versava sobre a seleção para uma pós-graduação em Literatura e Cultura Afrobrasileira, na faculdade de Letras da UFJF. Simplesmente fiquei alucinada, enlouquecida, pensando em como seria difícil, mas tão desejado conseguir ingressar nesse curso. Fiz minha inscrição já no último dia e participei da seleção. Fiquei extremamente feliz quando o resultado foi divulgado e verifiquei que tinha sido uma das pessoas selecionadas. Realizaria três sonhos em um: estudar na UFJF, já que estudei a graduação em faculdade particular, fazer uma pós-graduação, importante para meu currículo, e aprofundar meu conhecimentos sobre a África.

Não consigo explicar em palavras o que foi frequentar aquele curso. Professores excepcionais, colegas de turma super engajados na causa negra e no empoderamento desse povo que carrega ainda hoje a marca da escravidão. Fiquei alarmada ao ouvir alguns depoimentos de alunos negros dessa turma, relatando fatos de suas vidas que traziam a marca do racismo na sociedade, coisa para mim impensável em pelo século XXI. Ou seja, frequentando este curso, tive consciência de fato do mito da democracia racial em nosso país. Foi um período de tamanho aprendizado que não consigo mensurar.

Coincidentemente, na mesma época, estava participando de um concurso para agente de segurança penitenciário. Por conta do curso de formação profissional, cuja carga horária era bem apertada, não consegui elaborar os trabalhos da citada pós-graduação. Foi muito frustrante nesse sentido, mas em nenhum momento eu abriria mão de tudo o que aprendi naquele curso, a despeito de não ter obtido o título de especialista. Foi um período de intenso crescimento acadêmico, mas, principalmente, pessoal. Meu olhar sobre a África se ampliou de tal forma que eu tive certeza de que minha paixão pelo Egito estava justificada. A história dos povos africanos é realmente muito bela e densa, mas também muito sofrida.

No ano de 2015, já exercendo a função de agente de segurança penitenciário, soube pelas redes sociais da seleção para esta especialização em História da África. Mais uma vez, meu coração bateu mais forte, e o medo de não conseguir uma vaga veio junto, já que o foco da seleção eram os professores da rede pública. Apesar de ser pedagoga, nunca trabalhei na área. E, trabalhando no sistema prisional, julguei ser bem difícil conseguir a vaga, mas me inscrevi assim mesmo, com esperança de, mais uma vez, ampliar meus saberes acerca do continente africano. Mesmo com grande concorrência, consegui a esperada vaga. E eis-me aqui, hoje, me deslumbrando a cada dia com os conhecimentos que o curso proporciona.

Nunca concordei com o racismo, apesar de não possuir anteriormente instrumentalização suficiente para debater com propriedade sobre o assunto. Discordava integralmente de atitudes racistas, mas não me sentia segura para discutir e questionar tais atitudes. Sabia que precisava entender melhor as nuances que envolvem essa problemática da não aceitação do outro e os motivos dessa intolerância com os povos e pessoas de origem africana. Mas era preciso aprender muito sobre o processo que ocorreu historicamente, ao longo de séculos, para tentar compreender minimamente as atitudes racistas para, então, tentar combatê-las.

Atualmente, eu me considero muito mais preparada, apesar de saber que há uma longa caminhada pela frente. O curso trouxe e traz embasamentos teóricos sem os quais eu não compreenderia de fato como as coisas aconteceram e acontecem. Estou extremamente realizada frequentando o curso e o objetivo que eu já tinha se tornou ainda mais forte: quero conhecer o continente africano, ao menos uma parte dele. E sentir a história da humanidade me envolvendo. Eu me identifico com muita coisa que já estudei.

Sei que, a partir desse conhecimento adquirido, a nossa responsabilidade como multiplicador aumenta. Precisamos fazer nossa parte, conscientizando o ser humano em formação de que o respeito pelas diferenças é primordial e que a importância dos povos africanos na formação do povo brasileiro é decisiva. Precisamos que o cenário seja menos

agressivo e violento e somente o conhecimento do tema pode diminuir o racismo.

Lígia Toledo de Faria

Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis

Desde criança, segundo relatos de minha amada mãe, já falecida, sempre convivi naturalmente com pessoas negras, sem distinção ou preconceitos. Ela me contava que havia um casal de vizinhos, de quem eram compadres por serem padrinhos de batismo de um dos filhos deles, que eram encantados por mim. Segundo minha mãe, eu sempre me revelei uma criança muito independente. Aos dois anos de idade, já falava com perfeição e adorava conversar, e esse homem negro, compadre dos meus pais, pessoa muito simples e morador de uma área rural de um pequeno município mineiro, assim como minha família, gostava de se sentar na escada de casa perto de mim e ficar conversando com “aquela menina faladeira e inteligente demais”, palavras dele em relação a mim, por horas. Obviamente, não me lembro dessa história ou dessas conversas, mas minha mãe sempre me contava isso, porque eu adorava ouvir.

Não havia muitos negros em nossa comunidade, mas de fato eu não diferenciava as pessoas pela cor de sua pele. Fui educada pelos meus pais para respeitar todas as pessoas e procurar aceitá-las e respeitá-las, da mesma forma como eu gostaria de ser respeitada. Logicamente, à medida em que fui crescendo, mudando de série, mudando para a escola da “cidade”, lendo reportagens em revistas e ouvindo relatos diversos, fui percebendo que os negros não eram respeitados. Naturalmente fazia amizade com alunos negros, sempre poucos, que estudavam comigo. Mas não pensava sobre o fato de serem poucos e que o fato de eu, apesar de branca, era pobre e tímida, era sempre deixada de lado pelas “elites”. Essas questões vão sendo entendidas de maneira mais concreta a partir da adolescência, com o desenvolvimento do pensamento e capacidade crítica.

Crianças e adolescentes podem ser muito cruéis. Quando na quinta série estudamos sobre a escravidão, o único colega negro da sala passou a ser chamado por alguns colegas nossos de “escravo”. Aquilo me incomodava, como qualquer outro apelido ou rótulo que fosse colocado, mas eu, sempre muito tímida, não conseguia lutar contra isso. Apenas não compactuava com esse tipo de atitude, mas não via formas de agir em defesa do colega. Ele às vezes ria da brincadeira, meio sem graça, outras vezes ignorava ou fingia não ligar, mas hoje sei que devia ficar muito triste e chateado, porque sabia que não era uma coisa boa.

Sempre tive amizade com pessoas negras, e minha avó costumava me chamar de café com leite. Eu achava engraçado ela fazer esse comentário a respeito, mas não via como um preconceito. Na verdade, quem sofre na pele é que tem consciência dele desde bem cedo. E assim foi durante meus anos na educação básica. Esqueci de dizer que, desde quando estudei sobre o Egito antigo, me apaixonei por aquele povo tão inteligente, desenvolvido, admirável. E essa paixão sempre me acompanhou, pela vida inteira. Quando me tornei adulta e formei minha família, minha sogra era negra, mas se considerava “morena clara”. Revelava algum preconceito em alguns comentários e piadinhas racistas, mas na verdade sofria preconceito por parte de algumas pessoas, por ser negra, embora não se definisse assim, e por ser não alfabetizada. Lembro-me de um fato que a deixou profundamente irritada, nervosa, descontrolada. Ela estava em um mercado do bairro, com minha filha, que é loura, e tinha uns quatro anos na época. A atendente do caixa, ao ver minha filha chamando-a de vovó, interpelou-a sobre isso. Minha sogra respondeu que era neta dela e a moça falou que não tinha como ela ser avó daquela menina lourinha. Nem precisa dizer o quanto esse comentário a magoou, e a fez ficar muito brava e nervosa com a atendente. Discutiram e tudo o mais.

Quando ela me contou, fiquei irada também, e queria tirar satisfação, mas sempre fui muito pacífica e deixei para lá. Passamos a evitar passar as compras no caixa em que essa atendente estava. Diretamente, ao longo de nossa vida em outros ambientes, nunca me questionaram. Mas ao meu marido, sim. Colocavam em dúvida a paternidade pelo fato de nossa filha ser

loura. E, com certeza, muitos outros tantos pensavam e não tiveram coragem ou oportunidade de falar.

Quando fui para a faculdade, tinha algumas colegas negras, mas uma delas se destacava em relação ao assunto. Relatava muitos episódios de preconceitos sofridos por ela e era bem revoltada em relação a isso. Em algumas situações, ela concluía que algumas negativas que ela recebia ou alguns fatos ocorridos em sala de aula eram diretamente ligados ao fato de ela ser negra. Eu achava um pouco de exagero nessa fala e achava que nem tudo era por isso. Mas hoje penso que poderia ser, sim. O mito da democracia racial me convenceu em partes por um bom tempo.

Em 2013, quando vi o anúncio de um curso de pós-graduação em Literatura e Cultura Afrobrasileira, fiquei empolgadíssima. Fiz minha inscrição no último dia e participei da seleção para o curso. Fiquei muito ansiosa aguardando o resultado, pois achava que teria poucas chances devido a não ter formação em Letras e nem experiência na área de educação. Mas, com muita alegria meu nome estava entre os selecionados. Felicidade imensa! Nesse curso, sim. Presença maciça de negros, boa parte deles engajados em algum movimento social. Não sei mensurar o aprendizado na convivência durante o curso, tanto academicamente, quanto pessoalmente.

Ouvi dos meus colegas relatos inacreditáveis sobre preconceito, situações vividas por eles cotidianamente, e fiquei estarrecida. E os estudos foram como um choque de realidade. Muito conhecimento, de uma densidade e força absurdos. Foi uma das melhores oportunidades da minha vida. Um curso apaixonante, não sei se porque eu já tinha muita afinidade pelo tema, mas certamente um período de aprendizado intenso e vibrante, instigante. Por vezes, doloroso, mas extremamente conscientizador. Abriram-se as cortinas da verdade sobre a relação com o negro no Brasil. E percebi que, realmente, há uma luta árdua e intensa a ser travada em nossa sociedade e nos diversos setores dela, para que o respeito pelo negro seja fato.

Ao final daquele ano, em 2014, aprovada em concurso público, tornei-me agente penitenciário. Chegou a vez de ver a realidade do negro na sociedade, com a negação de oportunidades, e o reflexo disso no sistema

prisional. Grande parte das pessoas presas são negras ou afrodescendentes. Inevitável pensar em todas as questões que envolvem a negritude no Brasil: a falta de políticas públicas; a exclusão no sistema de ensino, já que podemos observar informalmente o pouco acesso aos estudos, e que a maioria não passou da quinta ou sexta séries; o subemprego; a falta de serviços adequados de saúde para si e suas famílias, etc.

Ao final de 2015, soube pelas redes sociais da pós-graduação em História da África na UFJF. Será que eu conseguiria, mais uma vez, a oportunidade de me aprofundar em meu assunto favorito? E a angústia tomou conta de mim mais uma vez, pois o foco seriam os professores da rede pública. Mas tive fé e me inscrevi, apesar de não trabalhar como pedagoga, minha área de formação, nem ser professora da rede pública. Ao ver meu nome na listagem dos aprovados, me senti realizada novamente. Na palestra de abertura, vi a paixão com que os professores abordaram o tema, e tive certeza de que seria mais uma excelente oportunidade para meu aprendizado, e não me enganei.

O fato de termos vários professores, a princípio, me pareceu um problema. Achei que ficaríamos sem referência. Mas, por outro lado, a riqueza de experiência que essa diversidade de mestres nos traz é impagável. Muitas histórias de superação, lindas, e de absoluto engajamento político e social. Mestres valorosos que têm o gosto e o desprendimento de compartilhar conosco seus conhecimentos, suas pesquisas, seus anseios. Outro aspecto importante é que não seria possível que o curso fosse ministrado por um número menor de professores, devido à complexidade, riqueza e diversidade do tema. A África tem uma história tão antiga e bonita quanto a história da humanidade. O que ocorre é o grande desconhecimento a respeito dessa história tão complexa e rica.

Uma das coisas que mais me surpreendeu até agora foi saber um pouco mais sobre a África islamizada. Eu não tinha a menor ideia de quão sólida era essa sociedade no continente africano. Realmente, a África que sempre nos apresentaram na escola era muito caricaturada e de aspectos reduzidos e superficiais. E através desse curso, aprendemos muito sobre a

real África, ou Áfricas, e sua riqueza monumental: de povos, de culturas, de conhecimento, de aspectos geográficos marcantes, de participações diferentes no processo de escravização e tráfico. E saber que essas sociedades africanas islamizadas existem há séculos e contribuíram enormemente com o continente ao longo de sua história foi realmente surpreendente para mim.

Os vários professores que tivemos até agora trouxeram muitas contribuições através de seu conhecimento e experiências. A professora Carolina utiliza em seu trabalho músicas e instrumentos de raiz africana e trabalha o lúdico através de movimentos corporais muito utilizados nas sociedades africanas.

A visita que fizemos ao museu da Maré foi outra experiência inenarrável, guiada pela professora Sônia, que teorizou em sala de aula sobre a importância da memória para o fortalecimento das identidades e provou sua importância nessa visita a um museu que tem a cara da resistência, a despeito de todos os movimentos contrários a isso. Preservar a memória em uma área de periferia de uma forma tão organizada e interessante era algo novo para mim. Experiência única e fantástica.

O filme *Vista a minha pele* também foi impactante. Alguns alunos não contiveram a emoção e o choro ao assisti-lo. Colocar-se no lugar do outro é, de fato e de longe, a única maneira de compreender minimamente o que esse outro sente. Especialmente em se considerando experiências ruins como o fato de ser julgado pela cor da pele e ser segregado por conta disso, e ver suas oportunidades na vida serem cerceadas devido a essas características.

O filme que fala sobre o sonho de uma menina negra em ser paqueta do show da Xuxa, participando da seleção e sendo vítima do preconceito racial, também provocou muita comoção na turma. E novamente o choro e soluços fizeram parte da aula nesse dia. São feridas guardadas na alma, que afloram em momentos como esse, explodindo em lágrimas. E um silêncio incômodo tomou conta de todos após a exibição durante alguns minutos. As reflexões contam de uma realidade dura, que precisa ser muito trabalhada

em nossa sociedade, para que os negros desfrutem do verdadeiro e genuíno respeito.

Entender o processo de escravização e tráfico ocorrido na África, com participação de africanos atuando nesse processo de domínio e anulação do outro, é extremamente importante para entender o processo e sua longa duração. A complexidade desse contexto é muito grande, e o número de africanos escravizados e traficados maior ainda.

Estamos em um processo que tem muitos desdobramentos a serem revelados. A complexidade do território africano é imensa, em todos os sentidos. E compreender melhor essa história tem sido a grande conquista de estar nesse curso, com professores de tão alto gabarito, e com alunos tão sedentos do saber.

Lígia Toledo de Faria

Projeto de intervenção

Devido à natureza da minha atividade profissional, trabalhando como agente de segurança penitenciário, é bastante frustrante pensar em um projeto de intervenção praticamente inexecutável em meu ambiente de trabalho. São muitas questões envolvidas em torno do tema, que está muito ligado à realidade da unidade prisional. Um grande número de presas afrodescendentes se encontra acautelado no pavilhão feminino da penitenciária. Porém, o dia-a-dia da função de agente penitenciário está extremamente ligado ao acautelamento em si, à preservação das regras e normas de segurança e à pouca disponibilidade e tempo para se investir de fato na ressocialização.

A ideia é oferecer às presas a participação em rodas de conversa a respeito do empoderamento feminino baseado na experiência africana e afrobrasileira. A partir do interesse manifestado por elas, é recomendável dividir as interessadas em grupos de no máximo 15 pessoas. Promover encontros semanais com duração de duas ou três horas, onde serão

abordados vários aspectos pertinentes a essa temática, utilizando recursos diversos, como pequenos vídeos ou filmes, leituras de contos, leitura de literatura infantil e também utilização da música africana. Todos esses elementos têm uma força emocional muito grande, e servem como sensibilizador e disparador para discussões mais complexas, como as questões do apartheid, da mutilação genital, da poligamia.

O primeiro encontro seria para conversar com as participantes, entendendo inicialmente qual a visão delas sobre o assunto da auto-identificação racial. Quem se autodeclara negra, quem não se vê como negra e por que, aquelas que já sentiram de alguma forma o preconceito racial. Dar voz a essas mulheres que estão vivendo em um ambiente de extrema rigidez nesse sentido, fazê-las pensar sobre o racismo como forma de violência estrutural em nossa sociedade, que tem na negação da afrodescendência e nas experiências de discriminação por cor/raça duas de suas facetas.

O primeiro vídeo a ser assistido por elas seria um vídeo que circula já há um tempo pelos veículos de comunicação. É um vídeo onde crianças, mais especialmente meninas, são confrontadas com uma boneca de cor negra e outra de cor branca. E perguntadas sobre as diversas impressões que as bonequinhas lhes passam, em relação a noções de beleza e de características humanas associadas à cor da pele, como qualidades e defeitos, entre outros aspectos importantes a serem abordados a partir do vídeo. Esse vídeo é muito impactante, e com certeza irá gerar uma discussão produtiva em relação a como o negro se vê e por que isso acontece.

No encontro seguinte, aprofundar as discussões a partir do vídeo *Vista minha pele*, onde o negro é visto como ideal de beleza e o branco torna-se vítima do racismo. A troca de papéis a fim de promover a empatia é uma estratégia para se reconhecer e compreender o sofrimento vivido pelo outro. A partir desse olhar diferenciado trazido pelo vídeo, é possível discutir a questão do racismo de uma maneira mais clara e palpável.

No próximo encontro, apresentar e discutir o vídeo da africana Chimamanda Adichie, *O perigo de uma história única*, extremamente delicado e esclarecedor. A fala dessa escritora africana revela os percalços

de sua vida e revela o pensamento dela em relação à sua própria história e a de seu continente. O empoderamento feminino passa pela conscientização das mulheres em relação à sua especificidade e à valorização delas como seres pensantes, atuantes, valorosos tanto quanto os homens. Conhecer figuras femininas de destaque, que possuem muito conhecimento, engajamento e atuação na sociedade é primordial para que haja uma mudança no pensamento de muitas dessas mulheres, que, em sua maioria, estão com a autoestima e autoimagem extremamente afetadas devido a suas condições de vida e, especialmente, ao encarceramento. Em se tratando de uma mulher negra, o vídeo permite também discutir como esses marcadores sociais da diferença (gênero e cor/raça) se articulam na produção de formas de opressão específicas e profundas.

Nos encontros seguintes, à medida em que as discussões vão se aprofundando, podem ser utilizados textos mais densos, já que o conhecimento tende a se consolidar. Poemas e textos de artistas como Mia Couto, Conceição Evaristo, o juizforano Edimilson de Almeida Pereira são excelentes para serem apresentados a elas, porque têm uma carga sentimental, o que é muito valorizado pelo público-alvo, e ainda acrescenta em termos de conhecimento.

Um aspecto a ser observado, também fator extremamente dificultador, é a precariedade de verbas no sistema prisional. Partindo disso, muito do que é feito em prol de quem se encontra preso advém de trabalho voluntário e gratuito. Havendo possibilidade de se conseguir parcerias, seria bastante importante que houvesse oficinas de maquiagem, manicure e cabeleireiro, com foco nas tranças de cabelo afro, que exerce bastante fascínio atualmente. Assumir a negritude passa, principalmente, por assumir o cabelo crespo e ver nele toda a beleza que ele tem e pode ter. Os penteados que valorizam o cabelo crespo dão poder e valor às pessoas negras, que querem se ver bonitas ao destacar suas características. Itens como maquiagem, esmaltes e outros materiais de manicure e produtos específicos de tratamento do cabelo crespo não são permitidos nas unidades prisionais. O momento desse projeto seria propício para oportunizar a essas mulheres os cuidados com a beleza nesse aspecto, permitindo que sejam maquiadas,

esmaltadas e tenham seus cabelos cuidados por profissionais dispostos a doar uma parte do seu tempo e conhecimento a essa causa.

Acredito que um projeto como esse teria grande aceitação e adesão por parte das presas, já que pela natureza e peculiaridade do local essas mulheres têm suas vozes silenciadas em grande parte do tempo. Ter a chance de participar de grupos de discussão como esse que foi proposto é de extrema importância, porque é sempre muito rico compartilhar opiniões, experiências e conhecimento. E é uma forma de promoção da autoestima entre uma população em situação de vulnerabilidade e precariedade, a partir de um trabalho educacional que permite acesso ao conhecimento sobre História da África e afrobrasileira.

Estou certa de que esse seria o pontapé inicial na discussão da questão da africanidade para essas mulheres que estão momentaneamente impedidas de viver em sociedade. Acredito que esse possível projeto seria um sucesso, e se desdobraria em algo que passaria a fazer parte da rotina semanal das mulheres que se encontram presas. Outras ideias e outras contribuições seriam incorporadas, já que a roda de conversa é extremamente aconchegante e libertadora, pois é onde todos têm voz e vez, promovendo a produção de conhecimento e autoconhecimento de forma interativa e coletiva. Outros filmes, várias leituras, músicas, manifestações culturais e as oficinas de beleza transformariam esses encontros semanais em momentos muito aguardados.

Considerações finais

Não tenho palavras para exprimir o que sinto em relação à oportunidade de ser aluna do curso de pós-graduação em História da África. Como fui desde sempre apaixonada pelo tema, esse por si só já seria motivo de extrema felicidade. Para além disso, fui surpreendida desde o início, em todas as aulas. A África é um continente apaixonante, e tem uma história longa, densa, múltipla, rica, admirável e... muito pouco conhecida!

É preciso lhe fazer justiça, a África é realmente o berço da humanidade. Mas precisa ser de fato conhecida e respeitada como tal. Culturas milenares, línguas as mais diversas, componentes culturais, sociais e religiosos extremamente ricos e sólidos fazem da África um monumento gigante em movimento. Estudamos muitas coisas, muitos aspectos diferentes do continente, tanto em relação aos povos, costumes e cultura quanto em relação à temporalidade dos mesmos. É uma longa e densa história.

Mas quanto mais se estuda, mais temos certeza de que não sabemos nada, de que é necessário se debruçar sobre ela e estar preparado para abrir mão de muitos aspectos, pois é muito rica sua história. E há um problema claramente identificado: a escassez de fontes escritas e publicadas no Brasil, que é a fonte considerada mais confiável pelo mundo acadêmico.

Atualmente o estudo desse continente ganhou o mundo, com renomados pesquisadores trazendo à luz toda a beleza desse povo de múltiplas características. Além de muitos pesquisadores africanos estarem produzindo estudos sobre seu próprio continente. Mas ainda há muito a pesquisar e conhecer. Estou realizada de poder participar de tão rico curso, que só me surpreendeu. Ainda mais encantada pela história do continente africano, que é muito mais linda e apaixonante do que sempre pensei ao longo da minha vida.

O caminho é continuar estudando e buscando conhecimentos e novas oportunidades de curso, e colocar em prática o conhecimento adquirido, para que mesmo que em um processo lento, nós possamos conseguir eliminar o racismo da nossa sociedade, visto que esse comportamento agressivo em relação aos africanos e afrodescendentes ainda hoje é uma realidade brutal.

Nada, nada mesmo justifica o racismo. Explica, mas não justifica. Essa é uma luta que deve ser diária, em todos os setores da sociedade, especialmente para os operadores do sistema educacional.